



DIRECÇÃO-GERAL DA SAÚDE



GESTÃO DE RESÍDUOS HOSPITALARES

Cândida Maria Pité Madeira

Especialista em Engenharia Sanitária (FCT/UNL), Engenheira Química (IST), Assessora Superior do ramo de Engenharia Sanitária e Responsável pelo Serviço de Engenharia Sanitária da Sub-Região de Saúde de Setúbal.
Av. Dos Combatentes da Grande Guerra, 91-3º Dto., 2900-329 Setúbal, Tel. 351 265 549 701
Email: candida@srssetubal.min-saude.pt

RESUMO

A produção de resíduos hospitalares é tão antiga quanto os cuidados de saúde organizados, os quais datam do Século XII. No entanto, só há poucos anos se começou a pensar nos resíduos hospitalares como um dos factores de risco para a saúde do Homem. Isto deve-se, quer pelo aumento acelerado da sua produção devido à utilização de materiais de uso único, quer a novas etiologias em que os RH são considerados um dos factores de risco de transmissão de doenças ao pessoal que com eles contacta (como a SIDA e a Hepatite B), quer devido ainda à maior sensibilização para os problemas ambientais, uma vez que uma má gestão do sistema de RH provoca impactes negativos no ambiente (o que indirectamente pode causar disfunções no Homem).

Os resíduos hospitalares são um conjunto de diversos componentes com maior ou menor perigosidade. Habitualmente, quando se fala em RH só se pensa nos já clássicos Grupos I+II, III e IV, ficando esquecidos resíduos com perigosidade como os líquidos utilizados nos laboratórios de diagnóstico e de investigação, os líquidos utilizados nas salas de autópsia, os banhos de revelação das películas de rX, o mercúrio, o líquidos de desinfeção e de esterilização, etc.. Também existem outros resíduos que são comuns a outras actividades como, por exemplo, os *toners* das fotocopiadoras e das telecópias, os tinteiros das impressoras, os óleos usados.

Assim, pretende-se sensibilizar os produtores de RH para uma adequada gestão de resíduos hospitalares que passa pela elaboração de planos e programas, com vista à sua eliminação correcta (técnica e economicamente).